



EVANGELIZAR O SOCIAL
CONFERÊNCIA DA COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ

13 Dezembro 2014 – Forum Picoas, Lisboa

Gostaria de trazer à colocação, no encerramento desta Conferência anual da Comissão Nacional Justiça e Paz, quanto o papa Bento XVI nos deixou ficar na homilia da Eucaristia celebrada no Terreiro do Paço, no dia 11 de Maio de 2010. “Esta Igreja local conclui justamente que a prioridade pastoral hoje é fazer de cada mulher e homem cristão uma presença irradiante da perspectiva evangélica no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política. Muitas vezes preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por suposto que a fé existe, o que é cada vez menos realista. Colocou-se uma confiança, talvez excessiva, nas estruturas e nos programas eclesiais, na distribuição de poderes e funções; mas que acontece se o sal se tornar insípido”.

Creio que todos descortinam a pertinência desta citação. Considero-a um verdadeiro programa para a Igreja em Portugal e, conseqüentemente, para as suas estruturas e instâncias operativas. A acção pastoral deve ter – diz o Papa – a fé como nascente e foz, princípio e fim, como critério principal das suas opções.

Uma conferência sobre a Dimensão Social da Evangelização no mundo de hoje pode dar a entender que se trata de uma secção, uma alínea ou, quem sabe, um simples pormenor. Não foi esta a intenção dos organizadores e teremos de evitar qualquer tipo de segmentação da pastoral sem uma articulada unidade. A Igreja é depositária do Evangelho e urge colocá-lo no coração da humanidade. Evangelizar não é opcional. É, antes, a expressão mais eloquente da missão da Igreja. Daí que seja fundamental centrar toda a acção pastoral no Evangelho, de modo que este seja assimilado pelas pessoas e estruturas. Onde ele está presente não é possível pactuar com injustiças, desigualdades, vidas indignas, marginalização, desemprego, violência e tantas outras realidades que a sociedade nos oferece.

No passado dia 8 de Dezembro completaram-se 39 anos da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI. Discursando sobre as vias de evangelização, o Papa afirmou no nr. 41 que o “**testemunho de uma vida autenticamente cristã**, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização” (EN 41). Sem o testemunho cristão, é vão o nosso agir eclesial. Quando o mesmo Paulo VI, em 1976, instituiu o Pontifício Conselho para a Justiça e Paz, atribuiu-lhe como missão



primordial a promoção da justiça e da paz segundo o Evangelho e, conseqüentemente, a Doutrina Social da Igreja. Deveria ser ajuda para aprofundar e difundir a Boa Nova a partir da experiência pessoal de uma Igreja que se deixa converter ao Evangelho. Isso mesmo sublinhou, no passado 2 de Outubro, o Papa Francisco quando falava aos membros da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho. “A Igreja está sempre em caminho, à procura de novos rumos para o anúncio do Evangelho também no campo social.”

Nesta aplicação concreta do Evangelho, o Papa, já naquele tempo, sublinhou dois itinerários urgentes: procurar uma economia ao serviço do Homem e do bem comum e uma democracia inclusiva e participativa. Cristo, o Deus feito homem, como caminho da Igreja faz com que ela se situe permanentemente ao serviço do Homem, numa acutilante consciência do que é o bem comum. Como afirmou a *Gaudium et Spes*, “a ordem social e o seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas e não ao contrário” (GS 26). Por isso, partir da pessoa e da sua dignidade são pilares fundamentais para novas sociedades que almejem uma verdadeira democracia sem qualquer género de exclusão. Doutrina tradicional, mas que o Papa Francisco recuperou do esquecimento no Parlamento Europeu no dia 25 de Novembro deste ano. As palavras que ouviu deveriam ser certeza que a dignidade transcendental de todo e qualquer ser humano será defendida para uma Europa à medida do Homem.

Na esteira destes objectivos, podemos regressar então às palavras do Papa Bento XVI em Lisboa. A Igreja não é estafeta de uma simples doutrina nem a doutrina social é um mero capítulo teórico da sua mensagem. São necessário homens e mulheres concretos que dêem corpo e validade à proposta eclesial e evangélica. Urge, por isso, incrementar a presença de católicos nos diversos ambientes da sociedade, nas instituições, na política, na economia e nas finanças.

Quando teremos um mundo novo? Quando tivermos homens e mulheres novos. E aqui a Igreja tem algo de importante a dizer e a fazer. Nunca será com cristãos anónimos e envergonhados. O mundo hodierno exige a coragem e a vontade séria de “ir contra a corrente”, como lembrou no passado dia 8 de Dezembro o Papa Francisco junto à imagem da Imaculada Conceição na Praça de Espanha, em Roma. Nem todos os fins justificam os meios. Mas por um deles vale a pena dar a vida: uma humanidade mais igual, mais fraterna e mais solidária.



Teremos um modo para aquilatar a qualidade da evangelização do social? Pessoalmente, estou convencido que sim. E ele passa prioritariamente pela vivência radical do Evangelho, o qual nos abrirá tantos caminhos quantos as necessidades humanas.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*